O SUJEITO LADRÃO:UMA REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA NO CONTO *FELIZ ANO NOVO*, DE RUBEM FONSECA**.**

Iara Silva de SOUZA\*

José Magno de Sousa VIEIRA\*\*

“Adote um animal selvagem e mate um homem”

(Rubem Fonseca)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a noção de sujeito tendo como objeto sua caracterização enquanto ladrão tendo como *corpus* o conto *Feliz ano novo*, de Rubem Fonseca, nesse trabalho, vamos enveredar por categorias da análise do discurso como ideologia, condições de produção, formação ideológica, e construção de sentidos, que são tidas como categorias auxiliares que contribuem para a análise do que será o eixo central da sua presente proposta, a categoria analítica Sujeito.O propósito dessa pesquisa é analisar a representação do sujeito no meio social, ancorado no conto *“Feliz ano novo”*, do autor Rubem Fonseca um dos maiores escritores da literatura contemporânea brasileira. A metodologia é de   
cunho bibliográfico, na medida em que foi necessária a leitura de Orlandi (2000). Brandão (2004), Pêcheux (1975), Althusser(1975), entre outros autores que foram utilizados para fornecer as  devidas bases teóricas. Os resultados obtidos nos mostram que o sujeito é sobrecarregado de  ideologias (estas por sua vez transformam um indivíduo em sujeito propriamente dito) e de formações discursivas (o que pode e deve ser dito pelo sujeito em determinado contexto sócio-cultural) e isso o constitui de fato.

*PALAVRAS-CHAVE:*

Sujeito. Ladrão. Ideologia.sentido.

ABSTRACT

This work aims to notions of the subject "thief" with the corpus literary tale Happy new year, Rubem Fonseca, in this work, we will embark on discourse analysis of the ways how ideology, the production conditions, ideological training, and Construction of senses, which con-sequently are auxiliary categories that contribute to the analysis of what will be the core of its proposal, the analytical category subject. All these elements related to a single purpose: To seek representation of the subject in the social environment, anchored in the story "Happy New Year", Ru well Fonseca author one of the greatest writers of contemporary Brazilian literature. The methodology is bibliographic nature, insofar as reading was necessary Orlandi (2000). Brandão (2004), Pêcheux (1975), Althusser (1975), among other authors that were needed to provide the necessary theoretical basis. The results show us that the subject is overwhelmed ideologies (which in turn is responsible to transform an individual subject itself) .and discursive formations (which can and should be said by the subject in a given socio-cultural context) and it is the fact.

KEYWORDS: Subject, thief, ideology, direction

INTRODUÇÃO

A cada dia que passa, temos a impressão que a violência a crueldade a frieza humana está cada vez maior.Com isso, vivemos num mundo em que a paz é algo de extrema cobiça por muitas pessoas, a violência atual assusta, reprime e amedronta o indivíduo, tornando-se assim, ele, o refém de sua própria condição social. Com isso, tentamos articular elementos discursivos e textuais para comprovar tais atos violentos no mundo contemporâneo baseado no conto *feliz ano novo.*

Dessa forma, o intuito desse trabalho é salientar a importante e notável relação que o estudo específico de certas práticas discursivas e a literatura têm. São vários caminhos da linguagem que estão intrinsecamente ligados, tornando assim a fácil compreensão do que lhe é posto. Nesse trabalho buscaremos tornar visível a relação textuais e discursivas do conto, em que basicamente veremos como os sujeitos ladrões se comportam nas suas práticas violentas e cruéis, revelando assim, a ideologia, formação discursiva e outros elementos que ele faz parte.

O DISCURSO LITERÁRIO

A análise do discurso literário é considerada como uma vertente analítica ainda pouco explorada. Esta pesquisa analisa o corpus em apreço nos moldes de Maingueneau que o concebe enquanto um tipo discursivo como o são por exemplo, o discurso político, o discurso filosófico, o discurso religioso, etc. A análise do discurso com suas ferramentas linguísticas possibilita~~m~~ uma melhor compreensão e interpretação de obras no âmbito literário. Segundo Maingueneau:

As teorias da enunciação linguística, as múltiplas correntes da pragmática e da análise do discurso, o desenvolvimento do campo literário de trabalhos que recorrem a Bakhtin, à retórica da recepção, à teoria da recepção, à intertextualidade, à sócio crítica etc., impôs progressivamente uma nova apreensão de fato literário no qual o dito e o dizer, o texto e o contexto são indissociáveis (MAINGUENEAU, 2006, p.7),

A partir das ferramentas discursivas e de elementos linguísticos que colaboram para uma “exteriorização” e “ampliação” da interpretação do texto literário, o contexto histórico social retratado na obra nunca pode ser desassociado da mesma, pois todos esses elementos estão inteiramente imbricados. Segundo Maingueneau: (2005),

As condições do *dizer* atravessam o *dito*, que investe suas próprias condições de enunciação (o estatuto do escritor associado ao seu posicionamento no campo literário, os papéis ligados aos gêneros, a relação com o destinatário construída através da obra, os suportes materiais, os modos e as circulações dos enunciados...).

Nessa citação, torna-se explícita a importância do posicionamento do sujeito perante certas enunciações, é mais do aquilo que é posto pode significar, dependendo de suas condições enunciativas ou seja um dizer atravessa o dito.

O SUJEITO E A PRODUÇÃO DE SENTIDO: UMA RELAÇÃO IDEOLÓGICA.

O discurso é uma dispersão, uma prática e não um conjunto de textos. Não se olha para o lado do produto, pela parte pronta e finalizada, mas sim para o processo e continuidade de sua produção.

Em todo o discurso há a conversão do sujeito em autor, um projeto chamado totalizante de um sujeito. Segundo Vignaux, (1979), este projeto viasa assegurar a coerência e a completude de uma representação ou seja, o sujeito será constituído como autor ao constituir o texto, essa afirmação faz surgir “a interpelação do indivíduo em sujeito, (Althusser 1970).

Com o que foi dito acima, podemos ter uma noção dos efeitos da ideologia: Ela faz com que se tenha as características, aparências dadas a uma unidade, que é o sujeito, responsável pela transparência do sentido, esses efeitos reunidos chamamos de “evidências”, são produtos da ideologia. Para não haver uma submissão ideológica, ou seja, certa “alienação”, consideramos dois fatos segundo Orlandi: a) o processo de constituição do sujeito; e b) A materialidade do sentido.

Para comprovar a tese que o sujeito está imerso na ideologia, vemos a seguinte afirmação de Pêcheux:

O sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-historico em que palavras, expressões, proposições são produzidas (isto é reproduzidas) (1975, p. 144).

O foco da AD epistemologicamente falando não é na problematização do sujeito, mas na representação que esse sujeito tem no âmbito social, como vemos a seguir nas palavras de Orlandi:

A AD é crítica em relação a uma teoria da subjetividade que reflita a ilusão do sujeito em sua onipotência; nela "a ideologia (relação com o poder) e o inconsciente (relação com o desejo) estão materialmente ligados, funcionando de forma análoga na constituição do sujeito e do sentido. O sujeito falante é determinado pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI, 1986, p. 119 apud BRANDÃO 2004, p.78).

Segundo Pêcheux, Althusser (1975, p. 122) salienta na sua obra *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*:

“Verdadeiramente colocou os fundamentos reais de uma teoria não-subjetivista do sujeito, como teoria das condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção, estabelecendo a relação entre inconsciente (no sentido freudiano) e ideologia (no sentido marxista)"( ALTHUSSER1975, p. 122.Apud Pêcheux)

Pêcheux parte da tese de Althusser, segundo a qual "a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos". Isto é, o específico da ideologia é constituir indivíduos concretos em sujeitos. Sujeitos que implicam uma dimensão social mesmo quando no mais íntimo de suas consciências realizam opções morais e escolhem valores que orientam sua ação individual. A constituição do sujeito deve ser buscada, portanto, no bojo da ideologia: o "não-sujeito" é interpelado, constituído pela ideologia. Segundo Althusser, "não há ideologia senão pelo sujeito e para sujeitos". Trazendo essas colocações para o terreno da linguagem, no ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, Pêcheux (1975, p. 145) diz que:

"Os indivíduos são 'interpelados' em sujeitos-falantes (em sujeito de seu discurso) pelas formações discursivas que representam 'na linguagem' as formações ideológicas que Ilhes correspondem". Assim, e a interpelação ideológica que permite a identificação do sujeito, e ela tem um efeito por assim dizer retroativo na medida em que faz com que todo sujeito seja "sempre já-sujeito". (BRANDÃO, 2004, p.79)

Percebe-se que temos um “assujeitamento” do sujeito, ou seja, a ideologia interpela o indivíduo em sujeito, inconscientemente, sem que eles se deem conta desse processo de interpelação. Resumindo com outras palavras: não há sujeito sem ideologia.

FORMAÇÃO DISCURSIVA: UMA QUESTÃO DE INTERPRETAÇÃO

O sentindo em si, definitivamente não existe na análise do discurso. É necessária uma ponte de significações, e essa ponte se constitui de posições ideológicas encarregadas de trazer consigo o contexto sócio-histórico em que as palavras surgem. Segundo Orlandi (2000, p. 58):

As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas tiram seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições são produzidas. A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada determina o que pode e deve ser dito. A formação discursiva é o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito.

Em suma, a formação discursiva é o que deve e o que não deve ser dito em determinado contexto histórico-social em que o sujeito se encontra. Ancorando-se no lado discursivo e ideológico da linguagem, as palavras adquirem um caráter polissêmico que depende da posição discursiva que o falante toma no momento em que enuncia.

O texto é uma unidade, o ato de analisá-lo apenas pela parte superficial com objetivo de se identificar um discurso, é falho. Temos a ideia de texto como uma figura linguística centrada em si mesma e por ela mesma, uma estrutura fechada e acabada. Em contrapartida, se quisermos retirar os discursos de um certo enunciado, temos que enveredar pelos caminhos do que não foi dito, fazer um estudo das entrelinhas do enunciado em questão. Um discurso pode ser construído a partir das suas condições de produção, é como uma via de mão dupla. Esse é o dever do analista: analisar o que não foi dito. Considera-se o texto também como mais “concreto” que o discurso , um texto é simplesmente o que está posto e que abriga todos os enunciados, sendo estes , o que basicamente está pressuposto, no âmbito das perspectivas discursivas.

Sociedade e literatura: uma relação complementar

Sabemos, que a literatura é encarregada de vários elementos que contribuem para uma representação da realidade, principalmente na literatura contemporânea, que nos dá uma ideia de “ultra-realidade”. A obra de arte, como a literatura, é responsável pela expressão da sociedade, uma via de voz, de reconhecimento das problemáticas. Cândido fala da literatura e vida social como duas vertentes: A influência exercida pelo meio social sobre a arte, e a arte e a influência exercida pela obra de arte.

Ambas as tendências tiveram a virtude de mostrar que a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. (CÂNDIDO,2000, p.21)

Ele afirma ainda que a “primeira tarefa, é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socio-culturais”, ou seja, notar as influências de fato exercidas no âmbito social. Os pontos mais decisivos dessa influência são basicamente a valores. Ideologia, e técnicas de comunicação. Cândido ainda comenta sobre o grau e a maneira que os três fatores influem, analisando as variações do meio artístico em que que esses fatores participam:

Os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros na sua fatura e transmissão. Eles marcam em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) A síntese resultante age sobre o meio. (2000, p.21)

Assim, ele deixa clara a ideia da importância que a posição social do autor, seu recebimento ou aceitabilidade, a forma e o conteúdo da obra artística, e a sua transmissão em meio sócio cultural, são elementos essenciais para compreendermos o efeito de causa e consequência que as obras artísticas são capazes de produzir.

CONTEXTUALIZAÇÃO DOS *CORPUS* E ANÁLISE DOS DADOS

Antes de mais nada veremos a concepção do termo “ladrão “: segundo o site “dicionário informal “, ladrão “é a pessoa de má índole, que se apropria de bens do próximo por meio da violência, força, ou ameaça e se apossa de bens de outras”. Para fins de análise foi necessária a leitura do conto *Feliz ano novo*, de Rubem Fonseca, publicado em 1975. O livro *Feliz ano novo* teve a sua publicação proibida no Brasil, sob a alegação de conter “matéria contrária à moral e aos bons costumes”. Foi censurado pelo regime militar, acusado de fazer apologia da violência.

O conto tem três personagens principais: o narrador em 1ª pessoa, Pereba e Zequinha. Numa véspera de ano novo, eles combinam um roubo em alguma residência na parte nobre da cidade, com isso ao anoitecer eles roubam um carro e saem rodando pela cidade até encontrar seu objetivo, um alvo~~, por fim, encontram~~. Na festa de ano novo que está tendo no local, eles cometem atos cruéis de cunho criminoso, e até cômicos. Logo após essa noite longa, voltam para casa e brindam o ano novo.

A *priori* somos pegos de surpresa pelo modo bruto e inesperado que o narrador produz seu discurso, com isso nos causa um sentimento de medo, consequentemente causando no leitor uma certa repulsa aos assaltantes. Na narrativa aparecem as duas divergências rico/pobre e logo notamos o contexto social e a ideologia em que esses sujeitos estão inseridos, o que nos deixa claro que é um contexto capitalista. Vemos que há uma ideia explícita de existência de uma classe marginalizada e uma trabalhadora e esta última serve de alvo para que os ladrões recorrendo à violência para sobreviverem deixem claro seu parasitismo.

A análise consiste em abordar algumas das formações ideológicas e representações que esses sujeitos do conto em questão têm, para isso foram retirados diálogos da narrativa, para comprovar alguns aportes teóricos que já foram citados e que ainda serão citados ao decorrer da análise.

ANÁLISE DOS *CORPUS*

A literatura contemporânea é marcada pela forte representação da violência e dos problemas sócio-econômicos deixando visível uma parte de todos os problemas que a sociedade enfrenta. Fonseca retrata a maioria dos seus contos num clima bastante cinematográfico, utilizando-se como artifícios descrições minuciosas de acontecimentos e expondo a problemática da violência urbana. Segundo Candido (2000.p. 211) afirma:

Rubem Fonseca agride o leitor pela violência, não apenas dos temas, mas dos recursos técnicos, fundindo ser e ato na eficácia de uma fala magistral em primeira pessoa, propondo soluções alternativas na sequência da narração, avançando as fronteiras da literatura no rumo da espécie de notícias crua da vida.

Os personagens, como vemos estão imersos num contexto de realidade opressora, vemos a essência capitalista, impondo a ideologia através da tv. *(“Vi na televisão que as lojas bacanas estavam vendendo adoidado roupas ricas para as madames vestirem no réveillon”* p.186) percebe-se uma grande animação dos veículos de comunicação para arcar com a demanda da data festiva, impondo assim uma ideologia e indução ao consumo. Além disso esses meios de propagação ideológica levam o sujeito à uma ideia de que deve atingir um modelo de vida posto pela propaganda, daí vemos uma extrema relação de dependência entre personalidade e sociedade: (“*As madamas granfas tão todas de roupas nova, vão entrar o ano novo dançando com os braços pro alto.* ” p.186).

Assim, a ideologia tem um peso em todas as ações evasivas do autor, a da violência dos demais personagens, como forma de sobrevivência de necessidades fundamentais, já que não conseguem atingir o que lhe é posto nos meios midiáticos.Desse modo, eles tentam superar a desigualdade econômica utilizando-se de artifícios cruéis e violentos. (“*Eu queria ser rico, sair da merda em que eu estava metido! Tanta gente rica e eu fodido.* ’’). A violência utilizada pelos policiais chama a atenção, (“*Os homens não tão brincando, viu o que fizeram com o Bom Crioulo? Dezesseis tiros no quengo*. ”), (“*Estrangularam o Vevé*”), (“*Pegaram o minhoca e jogaram dentro do Guandu, todo arrebentado.* ”), isso causou uma reflexão do narrador personagem, que consequentemente há um surgimento de raiva dos policiais e um ódio exacerbado dos ricos (“ *amanhã vocês vão ver*”), (“*Só tô esperando o lambreta chegar de São Paulo.").*

Há toda uma conspiração ideológica das mortes dos policiais, que são alvos de toda uma intriga por parte dos assaltantes, ("*ainda dou um tiro com esta belezinha nos peitos de um tira, bem de perto, sabe como é, pra jogar o puto de costas na parede e deixar ele pregado lá."*) Nesse fragmento, percebemos uma ~~certa~~ onda de violência, um círculo vicioso, uma banalização da vida humana, nos dando uma ideia de que os assaltantes ~~têm uma certa~~ são de uma frieza e descaso e cruéis. Vemos em certos fragmentos a ideia de que o mundo dos indivíduos que praticam atos criminosos é puramente distinto do das demais classes, sendo assim, tudo se resolve com práticas violentas e cruéis, como se isso fosse à resolução de todos os problemas que lhe afetavam. Quando falamos em violência a direcionamos ao caráter físico de sua constituição, uma vez que a violência simbólica é ao nosso vê uma prática que corrobora para que os sujeitos aqui tidos como violentos no âmbito do físico o sejam em resposta à violência ambientada nos atos indiretos do simbólico que os membros das camadas mais abastadas da sociedade praticam ao negarem aos “marginais” a possibilidade de adentrarem no mundo deles. O ataque físico aos que detém capital é uma espécie de revanche daqueles que não o tem.

Além de tudo isso, no conto os ladrões tratam a prática de assalto como uma atividade dentro dos parâmetros de normalidade, tratam até como uma disputa, quem o vai praticar pela primeira vez no ano, mostrando assim, mais um exemplo de descaso com certas leis que regem o meio social *("Vamos estourar um banco na penha. O lambreta quer fazer o primeiro gol do ano."*) *"Ele é um cara vaidoso"* P.186). É de fácil percepção a discrepância entre o mundo do grupo assaltante e do grupo assaltado, pelas linguagens, gírias que os ladrões usam na narrativa, suas respectivas moradias, como eles se referem ao grupo dos assaltados revelando assim, todo o seu contexto situacional, o seu apagamento perante a sociedade, se camuflando em favelas e lugares que põem em prova a dignidade humana ("*Eu tava pensando a gente invadir uma casa bacana que tá dando festa."* P. 189). *("Esse edifício está mesmo fodido, disse Zequinha, enquanto subíamos, com o material pelas escadas imundas e arrebentadas."* P. 193*.). ("Filha da puta. As bebidas, as comidas, as joias o dinheiro, tudo aquilo para eles era migalha. Tinham muito mais no banco. Para eles, nós não passávamos de três moscas no açucareiro."* P.191.).

No conto, conferimos uma ideia de que a mulher existe exclusivamente para satisfazer as necessidades sexuais, ~~de que~~ ela é um objeto sexual. Para as mulheres ricas confere-se um valor de representação ostentativa da classe em que ela é inserida. *("cadê as mulheres? eu disse. Engrossaram e eu tive que botar respeito." " Além de fodida, mal paga"* P.190.). *("não vais comer uma bacana dessas?" "Acho que vou papar aquela moreninha."* P. 192.) *("Toda penteada, aquele cabelão armado, pintado de louro, de roupa nova." O quarto da gordinha era forrado de ouro. A banheira era um buraco quadrado grande de mármore branco, enfiado no chão. A parede toda de espelhos. Tudo perfumado."* P. 191.).

Como já foi dito, a vida humana no conto, é um objeto de desvalorização, tiramos pelas cenas de assassinatos consecutivos que existe na narrativa em questão. Atos frios e dignos de medo e pavor tomam ~~de~~ conta do desenvolvimento do conto, comprovando mais uma vez que eles tornam fútil o que temos de mais valioso: A vida. *(“Atirei bem no meio do peito dele, esvaziando os dois canos, aquele tremendo trovão" "viu, não grudou o cara na parede, porra nenhuma, tem que ser numa madeira, numa porta parede não dá."),*Como já foi posto, observamos uma certa disputa, como se fosse uma vantagem deixar o cadáver de alguém grudado na parede após um tiro, para eles isso era motivo de comemoração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo dos resultados obtidos pela análise, pelo modo de como Rubem Fonseca retrata a imagem do sujeito ladrão na sua obra, concluímos que o ladrão é concebido como um ser humano puramente violento e sem escrúpulos, levando uma vida às margens da sociedade. Distinguidos pela sua forma de falar, pela sua moradia, pelas suas condições econômicas eles se auto- excluem da parte “opressora” da sociedade, que no caso, são as pessoas de classe econômica mais elevada.

Entretanto, vemos o conto em duas perspectivas: a primeira consiste nas lutas de classes, rico X pobre, um certo afastamento sócio-econômico e uma interação que jamais irá se realizar em certo momento, que por todo o tempo vemos problemáticas a respeito desse tema, e a segunda perspectiva é a utilização da violência como justificativa para delimitar essa desigualdade, consequentemente, havendo uma irresponsabilidade de seus atos errôneos no meio social.

Assim, entender a construção semântico-discursiva da imagem do sujeito ladrão enveredando pelos caminhos da análise do discurso, consiste em um processo infinito, onde é impossível pôr um fim em todas as questões de tais problemáticas tanto como a violência, crueldade, marginalidade, e desigualdade social.

**Referências**

ALTHUSSER, L. *Ideologia, e aparelhos ideológicos de Estado*. Trad. J. J. Moura Ramos. Lisboa: Presença, Martins Fontes, 1974.

CÂNDIDO, Antônio. *A educação pela noite e outros ensaios.* 3. Ed. São Paulo: Ática,2000.

CÂNDIDO, Antônio*. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária.* 8. Ed. São Paulo: T.A Queiroz, 2000.

Disceni, Norma. *A comunicação nos textos.* 2. Ed. São Paulo : Contexto, 2012.

FONSECA, Rubem. 64 contos de Rubem Fonseca. 6. Ed. São paulo: companhia das letras,2004.

FURTADO, Teresa, *UMA ABORDAGEM CRÍTICA DE "FELIZ ANO NOVO" DE RUBEM FONSECA*.1980. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br>. Acesso em: 27 jul. 2014.

HELENA, H. Nagamine Brandão. *Introdução à Análise do Discurso*, Campinas, SP: Editora da Unicamp, Ed. 2004 e 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor e sociedade.* São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAINGUENAU, Dominique. *O discurso literário contra a literatura.* In: MELLO, Renato de. Análise do discurso e literatura. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG,2005.

Orlandi, E.P. *Discurso e leitura.* 5.ed São Paulo, Cortez; Campinas, SP: Editora da universidade Estadual de Campinas, 2000.

PECHEUX, M. e FUCHS, C. *"Mises au point et perspectives a propos de Fanalyse automatlque du discours"* 1975.In HELENA, H. Nagamine Brandão. Introdução à Análise do Discurso, Campinas, SP: Editora da Unicamp, Ed. 2004 e 2006.

**Sites visitados**

[*http://www.dicionarioinformal.com.br/ladrão*](http://www.dicionarioinformal.com.br/ladrão). Acesso em: 30 jul. 2016.

[*https://periodicos.ufsc.br*](https://periodicos.ufsc.br)*.* Acesso em: 27 jul. 2016.